

Ajuda chinesa à América Latina?

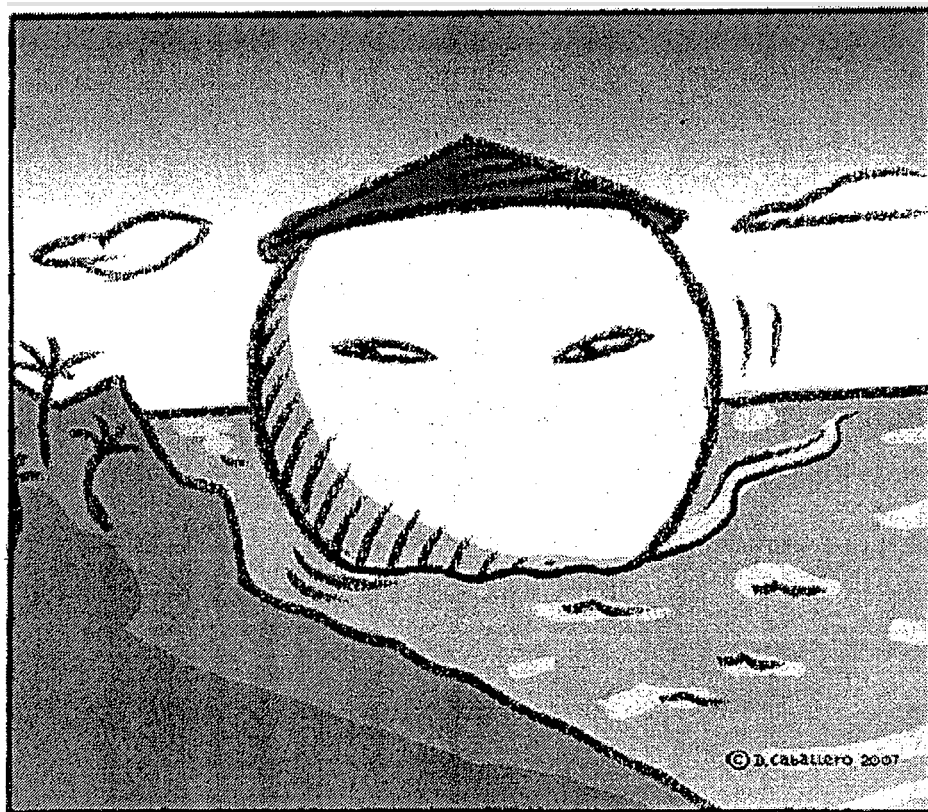
Depois do Japão e da Coreia do Sul, a China está determinada a tornar-se o terceiro membro asiático do BID. Por **Javier Santiso**

Está florescendo um novo namoro transpacifico. Se o caso irá terminar em casamento ou em lágrimas, isso irá depender da resposta da América Latina ao "anjo" chinês. O boom econômico chinês é uma mudança de proporções tectônicas que também atingiu a América Latina. A China está na boca de todo mundo. Três importantes eventos na última semana de abril — o Fórum Econômico Mundial sobre a América Latina, a Conferência Anual sobre Risco-País (Coface) e um importante seminário internacional no Banco Central do Chile — estão acontecendo na América Latina, tendo como elemento central o relacionamento entre a China e a região.

Esses eventos são sintomáticos da aproximação da América Latina à Ásia, e não é por acidente que eles estarão acontecendo no Chile. Em 2006, mais de 36% das exportações totais foram direcionadas para a Ásia, tendo a China absorvido um recorde de 12% do total. Recentemente, em 2006, o Chile concluiu o primeiro acordo comercial entre um país latino-americano e a China, e iniciou negociações com a mesma finalidade com a Índia.

O Chile não está sozinho nessa corrida rumo ao Oriente. Em 2006, companhias brasileiras como a CVRD, produtora de minério de ferro, ou a fabricante dos jatos Embraer, fecharam enormes contratos na China. No início de 2007, a Venezuela negociou a formação de um fundo de US\$ 6 bilhões para investimentos conjuntos em projetos de infra-estrutura na própria Venezuela e em refinarias de petróleo na China capazes de processar o petróleo com alto teor de enxofre do Orinoco. Em março de 2007, Pequim lançou a candidatura oficial da China à diretoria do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID). Depois do Japão e da Coreia do Sul, a China está, assim, determinada a tornar-se o terceiro membro asiático do Banco.

Esses vínculos com a China possibilitam à maioria dos países latino-americanos diversificar cada vez mais os destinos de suas exportações. Essa é uma boa notícia, porque a Ásia é também o mais vibrante motor mundial de crescimento, e a China, em especial, está expandindo a passos largos desde o início do século. Com exceção do México e da América Central, a China, de modo geral, é um "beneficor comercial" que vem "dar um empurrãozinho" nas economias latino-americanas. O Império do Meio é um mercado para enormes quantidades de commodities da região, mas oferece



muito pouca competição aos produtos latino-americanos nos EUA e na Europa, conforme detalhado em recente estudo do Centro de Desenvolvimento da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico-OCDE (Javier Santiso, ed., "The Visible Hand of China in Latin America", Paris, OECD, 2007).

Para a região como um todo, e especialmente para os possíveis perdedores, o surgimento do noivo chinês é, acima de tudo, um brado de alerta para mais reformas, particularmente na área de infra-estrutura. O México, em especial, necessitará de reformas para manter-se competitivo; seus baixos custos trabalhistas deixaram de ser uma vantagem competitiva em relação à China. A proximidade do México em relação aos EUA continua sendo um ativo estratégico crucial que o país pode capitalizar, mas somente se melhorar a eficiência de rodovias, portos, ferrovias e aeroportos.

Para outros países com probabilidade de continuar a beneficiar-se da ascensão da China e da Índia, os motores asiáticos da economia mundial, a principal questão de política econômica será beneficiar-se das vantagens, mas evitando os riscos de uma dependência de commodities. A China tornou-se o segundo maior mercado importador do Brasil — e o que registra mais rápido crescimento —, mas 75% dessas exportações estão

concentradas em apenas cinco commodities. O Brasil não está sozinho nessa situação. No caso da Argentina, a soja é o maior produto de exportação para a China, ao passo que nos casos do Chile e do Peru o cobre responde pelo grosso de suas exportações para o país asiático.

Para a região como um todo o surgimento do noivo chinês é, acima de tudo, um alerta para mais reformas, particularmente na área de infra-estrutura

Além das políticas comerciais e da necessidade de diversificação de produtos, os benefícios que a China proporciona a países ricos em recursos naturais também cria desafios fiscais. Isso é o que acontece com o Chile, maior produtor e exportador mundial de cobre. A gestão chilena dos ganhos extraordinários obtidos com o cobre tem sido, até agora, sábia: a maior parte dessas receitas extraordinárias está sendo mantida em outros países, em moeda forte, com a finalidade de aliviar a pressão altista sobre o peso chileno. Tudo o que excede 1% do Produto Interno Bruto (PIB) continuará a ser canalizado para um novo "fundo de estabilização econômico e social" que também será mantido no exte-

riore e usado no futuro em educação, treinamento e inovação industrial.

A América Latina e a Ásia estão se lançando mútuos olhares interessados e sedutores. Não se trata de um pequeno flerte, mas de uma importante mudança: pela primeira vez em sua história, a América Latina poderá beneficiar-se não de um, mas de três importantes motores do crescimento mundial. Até a década de 1980, os EUA eram o mais importante parceiro comercial da região. Depois veio o boom de investimentos europeus na América Latina durante a década de 1990. Agora, nesta nova década e século, os chineses estão se convertendo no terceiro interessado na economia latino-americana, com a Índia e outros países asiáticos não muito distantes.

O perigo, para a América Latina, é complacência. Se os geradores de produtos primários no continente contentarem-se em amealhar seus lucros extraordinários, enquanto a indústria de transformação latino-americana tradicional se satisfizer apenas com o mercado americano, o atual namoro poderá resultar em uma oportunidade perdida. A região terá de abraçar reformas com a mesma força que parece estar disposta a abraçar a China.

Javier Santiso é economista-chefe e diretor adjunto do Centro de Desenvolvimento da OCDE